



Working Paper n.º 14

Pais e Filhos, Avós e Netos: Notas sobre Envelhecimento Positivo e Qualidade de Vida em Cidades de Média Dimensão

Rosalina Pisco Costa

Universidade de Évora/CEPESE
rosalina@uevora.pt

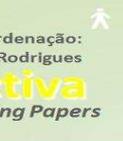
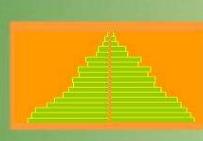
Novembro 2012

Pais e Filhos, Avós e Netos: Notas sobre Envelhecimento Positivo e Qualidade de Vida em Cidades de Média Dimensão

Resumo

O prolongamento da esperança média de vida aliado a uma melhoria generalizada da qualidade de vida de que a terceira idade beneficia, faz hoje dos idosos novos e invioláveis protagonistas da família contemporânea. Neste texto propomo-nos discutir criticamente a relação entre envelhecimento positivo e qualidade de vida em cidades de média dimensão, analisando, especificamente, o modo como os adultos jovens percebem e incorporam nos seus discursos em torno da qualidade de vida a presença dos pais idosos/avós. Metodologicamente, apoiamo-nos em dados recolhidos a partir de entrevistas de episódio realizadas a homens e mulheres com filhos pequenos (3-14 anos de idade), no quadro de uma investigação sociológica mais ampla dedicada ao estudo dos rituais familiares. Os dados recolhidos, analisados com recurso a técnicas qualitativas de análise de conteúdo com auxílio do *software* NVivo (QSR), sublinham a importância do envelhecimento positivo na percepção que os adultos jovens entrevistados (média de idades de 38 anos) têm sobre a qualidade de vida da sua família como um todo. Pais e filhos, avós e netos, adultos e crianças podem assim beneficiar de um ambiente de relacionamento mutuamente positivo. A presença e a co-existência de gerações são vistas como um “uma sorte” e “um privilégio” que “não tem preço”, possível numa cidade de média dimensão, onde tudo está suficientemente próximo para adensar as solidariedades intergeracionais informais no triângulo avós-pais-netos.

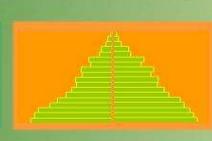
Palavras-Chave: Família; Idosos; Envelhecimento Positivo; Qualidade de Vida; Cidades de Média Dimensão.



Parents and Children, Grandparents and Grandchildren: Notes on Positive Ageing and Quality of Life in Medium-sized Cities

The increase of life expectancy along with a general improvement in the quality of life of the elderly, turn them in both new and central actors of the contemporary families. In this paper, we critically discuss the relationship between positive ageing and quality of life in medium-sized cities. Particular emphasis is put on how young adults perceive and incorporate into their speeches on the quality of life the presence of elderly parents/grandparents. Methodologically, we rely on data collected from episodic interviews conducted with both men and women with young children (3-14 years old), within a broader sociological research devoted to the study of family rituals. The data collected were analyzed using qualitative techniques of content analysis with the help of NVivo software (QSR). Data's discussion highlights the importance of positive ageing in the perceptions that young adults interviewed (mean age of 38 years old) have on their family quality of life as a whole. Parents and children, grandparents and grandchildren, adults and children can, thus, take advantage from an environment of mutually beneficial relationship. The presence and coexistence of generations are seen as both "priceless" "fortune" and "privilege," possible in a medium-sized city, where everything is close enough to thicken the informal intergenerational solidarities in the grandparents – parents – grandchildren's triangle.

Keywords: Family; Elderly; Positive Ageing; Quality of Life; Medium-sized cities.



Índice

Introdução.....	4
Nota metodológica: captar a banalidade e (in)visibilidade do quotidiano através da entrevista de episódio.....	6
Pela manhã: os ritmos do levantar, «corre-corre» e sair de casa.....	10
De tarde: ajudas, entreadjudas e solidariedades familiares	17
Reflexões finais	24
Bibliografia.....	27
Apêndices	30
Genogramas Familiares.....	31

Pais e Filhos, Avós e Netos:

Notas sobre Envelhecimento Positivo e Qualidade de Vida em Cidades de Média Dimensão¹

Introdução

Como é que adultos jovens, a residir numa cidade de média dimensão, percebem e incorporam nos seus discursos em torno da qualidade de vida a presença quotidiana dos pais idosos/avós? A resposta a esta questão – mote que nos guia neste texto – surge na sequência de um estudo maior que procurou questionar e discutir o alcance das teorias da desinstitucionalização, individualização e risco enquanto chave explicativa para a compreensão do que é, hoje, a família (Costa, 2011).

As teses da desinstitucionalização, individualização e risco, hegemónicas na teorização social contemporânea (Brannen & Nielsen, 2005) alimentam, por meio de um discurso dedutivo e generalista, a ideia de, senão desaparecimento, instabilidade, diluição e fragilidade da família. A partir do indivíduo colocam a ênfase no «casal flutuante», na «relação» ou nos «estilos de vida alternativos» (Giddens, 1996 [1992]; 2000 [1990]; 2001 [1991]; Beck, 1992 [1986]; Beck & Elisabeth Beck-Gernsheim (1995 [1990]; 2002; Beck-Gernsheim, 2002 [1998] e Bauman, 1999; 2001; 2006 [2003]). Onde está a família, então? Como apreendê-la empiricamente para além das categorias sociológicas que a dão como

¹ Este texto adapta e sintetiza resultados de uma tese de doutoramento em Ciências Sociais, Especialidade 'Sociologia Geral', intitulada *Pequenos e Grandes Dias. Os Rituais na Construção da Família Contemporânea* (Costa, 2011), realizada pela autora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, com orientação científica de Ana Nunes de Almeida (ICS-UL) e apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/38679/2007). Uma versão deste texto foi apresentada como comunicação livre no VIII Congresso Internacional Luso-espanhol "Envelhecimento positivo e solidariedade intergeracional", co-organizado pelo Instituto Politécnico de Castelo Branco, Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias, Escola Superior de Educação de Castelo Branco (Portugal) e pela Universidad de Extremadura, Departamento de Psicología y Antropología, Grupo de Investigación PSIQUE-Ex (Espanha), em Castelo Branco de 18-20 de Outubro de 2012 <<http://viii-congresso-gerontologia.ipcb.pt/index.php>>.

«incrustada» (Giddens, 2000 [1999], p. 63), «zombie» (Beck & Beck-Gernsheim, 2002, p. 204) ou «líquida» (Bauman, 1999)? As «velhas» categorias ainda fazem sentido?

Questionamo-nos, em concreto, sobre o que constrói uma família mais do que aquilo que a torna «efémera», «fluida» e «frágil». Na esteira de Morgan propomo-nos olhar e conceptualizar as famílias não por aquilo «que são» ou «para que servem», mas «pelo que fazem». Das várias portas de entrada possíveis para estudar as famílias escolhemos as «práticas familiares» (Morgan, 1996; 1999) e, especificamente, o conjunto das que se enquadram numa categoria maior a que chamamos rituais familiares. Na verdade, o estudo dos rituais familiares convida-nos a relativizar o diagnóstico de fluidez da família contemporânea. Enquanto no plano da abstracção teórica e sociológica em geral se afirma a imagem de uma família de contornos imprecisos e fluidos; através dos rituais a família observa-se, percebe-se e «sente-se», como diz Kaufmann (1997, p. 142), construindo-se quer enquanto realidade objectiva, quer enquanto representação (Bourdieu, 1993; Gillis, 1996).

Com o pressuposto de que «a Sociologia não é uma acção, e sim uma *tentativa de compreensão*» (Berger, 1978 [1963], p. 13)², intentámos nesse estudo retratar e compreender, por dentro e na sua diversidade, o lugar dos rituais familiares na construção da família contemporânea, o que implicou procurar responder, de modos e em tempos distintos, às seguintes sub-questões de partida: quais são e como se caracterizam os rituais familiares da família contemporânea?; que relações estabelecem e como se articulam com estruturas e dinâmicas familiares, contextos sociais de pertença e dinâmicas de género que atravessam a família?; finalmente, que lugar ocupam na construção da família contemporânea? Procurámos, em suma, compreender os modos através dos quais os rituais familiares contribuem para «construir», «fazer» ou «fabricar» a família.

Debruçamo-nos, em concreto, sobre os rituais familiares, enquanto práticas prescritas que resultam da interacção familiar, direccionadas para um fim específico e das quais se pode retirar um significado simbólico. Partilhamos da classificação de Wolin e Bennett (1984) que distingue entre celebrações, tradições familiares e interacções padronizadas e estabelecemos dois pares de dimensões de pesquisa principais (representações e práticas, acção e emoção), que agrupamos na busca por protagonistas,

² Todas as citações extraídas de obras em língua estrangeira foram livremente traduzidas para português pela autora. O texto não adopta a grafia do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa em 1990, e em vigor na ordem jurídica interna desde 2009.

espaços, tempos, sensações, símbolos e significados. Finalmente, olhamos a estrutura e dinâmica familiar (famílias bi-parentais e monoparentais, dinâmicas conjugais e parentais), contextos sociais de pertença (posição sócio-profissional e rede social), e ainda dinâmicas de género, situadas que estão num tempo social determinado. Mas, justamente porque «uma análise não é uma explicação» (Durkheim, 1975 [1888], p. 13), é necessário procurar também, e sobretudo, quais são *les raisons d'être*. O nosso objectivo último foi, então, o de compreender o modo como os rituais familiares ajudam à construção da família contemporânea, já que sociólogos e antropólogos sugerem que os rituais constituem uma forma de as famílias delimitarem as suas fronteiras, estruturarem a definição e atribuição de papéis, e criarem e reafirmarem uma representação e sentido sobre elas próprias e a sua existência. Em suma, constroem-nas *para dentro*, isto é, para os seus membros e na perspectiva dos seus actores; mas também *para fora*, ou face ao exterior, no espaço social que as coloca em co-existência com outras famílias. Implicitamente, avançamos na investigação com a hipótese geral de que os rituais familiares constituem lugares de construção da família contemporânea (*para dentro* e *para fora*) e que, acompanhando o processo de modernização da família, são hoje tendencialmente privados, individualizados e sentimentais, ao mesmo tempo que fortemente matizados por estruturas e dinâmicas familiares, contextos sociais de pertença e dinâmicas de género.

Nota metodológica: captar a banalidade e (in)visibilidade do quotidiano através da entrevista de episódio

Privilegiámos neste estudo uma abordagem qualitativa, intensiva e em profundidade. Metodologicamente, procurámos captar experiências e significados associados a práticas e representações pluridimensionais dos rituais familiares enquanto processos interactivos e significantes simultaneamente localizados na cultura, história e biografia pessoal. Para a recolha de dados seguiu-se um processo de amostragem amostragem teórica (Glaser e Strauss, 1967) por caso múltiplo e homogeneização (Pires, 1997). Diversificada em função da conjugalidade, parentalidade e género, optámos por homogeneizar os meios sociais de pertença (definidos a partir do capital escolar e profissional dos seus membros) e a origem

geográfica dos entrevistados (cidade de média dimensão: Évora³/Portugal). Em concreto, e porque procurávamos uma aproximação à família “contemporânea”, o nosso enfoque recaiu sobre indivíduos de classe média, seleccionados empiricamente a partir do nível de instrução mínimo que contempla a conclusão do ensino secundário, e profissões centradas nos primeiros grupos da Classificação Nacional das Profissões⁴. Através de recrutamento intencional/conveniência e em bola-de-neve, foram seleccionados para entrevista 30 homens e mulheres a viver em contextos familiares diversificados e numa fase particular do curso de vida familiar, a de famílias com filhos pequenos (3-14 anos de idade).

Como adverte Gillham (2005), o trabalho qualitativo não é um trabalho fácil, leve ou simples; antes duro, criativo e particularmente exigente. É um processo «moroso e sem atalhos» (Gillham, 2005, p. 70), cuja implementação obriga a definir com clareza e acuidade, tanto os critérios subjacentes à construção da amostra e selecção das unidades de observação, como também o(s) instrumento(s) que permita(m), em última instância, recolher os dados e responder às interrogações de partida. Ora, se do ponto de vista dos objectivos traçados nos interessa dar conta da diversidade e complexidade de rituais familiares na família contemporânea, como proceder?

O recurso a uma entrevista qualitativa foi a forma que encontrámos para captar a perspectiva interior sobre o indivíduo enquanto membro de uma família⁵ que pretendíamos. Ao fazê-lo, identificamo-nos com a já longa tradição qualitativa de análise dos rituais familiares (Bossard & Boll, 1950; Viere, 2001; Fiese *et al.*, 2002), e reconhecemos as suas mais-valias para os objectivos em presença, sobretudo quando

³ Évora é uma cidade portuguesa, capital do Distrito de Évora, e situada na região Alentejo (NUT II) e sub-região do Alentejo Central (NUT III). É sede de um dos maiores municípios de Portugal, com 1307,04 km² de área e tem aproximadamente 55.000 habitantes. Cidade de média dimensão, de historial rural relativamente recente, conheceu nos últimos 20 anos um processo de urbanização e terciarização crescente. O reforço da dinâmica de crescimento torna esta cidade particularmente atractiva no cenário de declínio e despovoamento das áreas rurais que caracteriza a região Alentejo (CME, 2006).

⁴ Trata-se da CNP/94 e não da *Classificação Portuguesa das Profissões 2010* (INE, 2011). Em particular, foram entrevistados indivíduos cujas profissões estão incluídas no Grupo 2 – Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas; Grupo 3 – Técnicos e profissionais de nível intermédio; Grupo 4 – Pessoal administrativo e similares e Grupo 5 – Pessoal dos serviços de protecção e segurança.

⁵ Como afirma J. Chirban, «uma entrevista, no verdadeiro significado da palavra, dá uma visão interior (*inner view*, orig.) do entrevistado» (Chirban, 1996, p. xi). A mesma acepção é utilizada por Steinar Kvale (1996) na obra intitulada *InterViews. An Introduction to Qualitative Research Interviewing*.

comparadas às metodologias quantitativas⁶. Especificamente, a solução encontrada passou por privilegiar a aproximação à entrevista de episódio (Flick, 1997; 2005 [2002]). Este tipo de entrevista parte do pressuposto que as experiências dos indivíduos são armazenadas e recordadas na forma de conhecimento semântico (conceitos e inter-relações entre conceitos) e de narração de episódios (experiências, situações e circunstâncias concretas)⁷.

Sabemos, pela literatura, que a uma grande parte de classificações de rituais familiares subjaz um critério de frequência. Entre «interacções padronizadas», «tradições» e «celebrações familiares» (Wolin & Bennett, 1984), como também entre «o essencial do dia-a-dia», as «tradições familiares», as «celebrações familiares» e os «rituais do ciclo de vida» (Imber-Black & Roberts, 1993), há um *continuum* que liga os rituais mais frequentes aos mais esporádicos. Inspirados por esta constatação, a entrevista de episódio revelou-se particularmente adaptada ao objecto de estudo em presença. O conjunto de questões que compõem o núcleo central da entrevista foi estruturado em três blocos principais organizados a partir de uma distinção entre dias «normais», dias «diferentes» e «ocasiões de família». Prevendo uma combinatória de narrativas orientadas para contextos de situações ou de episódios diversos, a solução encontrada resultou na combinação de critérios múltiplos numa matriz de análise: representações e práticas; frequência e importância; sincronia e diacronia. Por um lado, insistir na normalidade dos dias do quotidiano e opô-la aos dias «diferentes» permite captar através de uma linguagem próxima do entrevistado as interacções padronizadas daquilo que se repete, como as rotinas do dia-a-dia, deixando de fora os acontecimentos menos frequentes ou mesmo únicos. Por outro lado, há um conjunto de acontecimentos na vida familiar que parecem ter um denominador comum que favorece a sua adjectivação como «ocasiões de família». Esta expressão está suficientemente presente no imaginário, quotidiano e no vocabulário geral para captar acontecimentos «importantes» e simultaneamente mais «ocasionais», sendo comumente utilizada para referir os «jantares de família», as «festas de família»,

⁶ Referimo-nos, em particular, à utilização de escalas para avaliar a frequência e importância dos rituais familiares: quer o FRI – *Family Routines Inventory* (Boyce *et al.*, 1983; Jensen *et al.*, 1983), quer o FRQ – *Family Ritual Questionnaire* (Fiese & Kline, 1993).

⁷ Para um aprofundamento em torno da memória semântica e episódica *vd.* Whitehouse (2000).

ou «os serões em família», precisamente porque se trata de ocasiões «em família», isto é, «entre os parentes», «entre os seus», ou «na intimidade da família»⁸.

Porque o elemento central na entrevista de episódio é o convite periódico a que o entrevistado faça narrativas de situações centradas sobre os vários rituais familiares identificados *a priori*, o guião foi preparado de forma a orientar o entrevistador para os vários domínios temáticos (episódios) onde se requer este tipo de narrativa. Recorrendo a uma epígrafe introdutória⁹ instigamos depois o entrevistado à identificação, caracterização e enunciação dos significados associados aos diversos rituais familiares. Neste percurso utilizamos uma bateria de questões comum estruturada nas seguintes dimensões: protagonistas; espaço; tempo; sensações; símbolos; e significado, a partir de uma leitura dupla: sincrónica («como se caracterizam?») e diacrónica («foi sempre assim? O que mudou ao longo do tempo? Porquê?») ¹⁰.

Foi justamente quando convidámos o/a entrevistado/a à descrição detalhada do seu dia-a-dia que recolhemos o material que serve de base a este artigo. Na análise dessas narrativas ganha visibilidade imediata o modo como a presença quotidiana de pais e/ou sogros (idosos) dos/as entrevistados/as (com uma média de idade de 38 anos), surge interligada à percepção da qualidade de vida na cidade em que vivem. É essa análise que apresentamos em seguida. Os dados recolhidos foram analisados com recurso a técnicas de análise qualitativa de conteúdo. Para o efeito seguimos as orientações metodológicas propostas por Laurence Bardin (1977). Na apresentação de resultados optámos pela reconstrução textual de narrativas contextualizadas (Flick, 2005 [2002]), que trabalhamos com recurso a *software* qualitativo (NVivo, QSR). Particularmente adaptada à entrevista de episódio, a narrativa contextualizada aproxima os dados das experiências e do contexto que os gera e procura daí retirar o sentido interpretativo mais amplo. Para o leitor resulta a apresentação da informação de uma forma fluida, onde a interpretação surge mesclada

⁸ Cf. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, ed. Academia das Ciências de Lisboa.

⁹ «Há dias a que chamamos ‘dias normais’ ou ‘comuns’. É o dia-a-dia...», «Há outros dias que não são ‘normais’ ou ‘comuns’. São de alguma forma ‘diferentes’...», «Há dias/ocasiões ou momentos a que chamamos ‘dias de família’, ‘ocasiões de família’...».

¹⁰ «Descrição, tão pormenorizada quanto possível, do acontecimento», cf. guião de entrevista na base do estudo (Costa, 2011).

com citações *verbatim* incluídas no corpo do texto e que evidenciam ora tendências centrais na análise, ora diversidade e excepção à norma¹¹.

Pela manhã: os ritmos do levantar, «corre-corre» e sair de casa

Pela manhã, pais e mães com filhos pequenos encontram estratégias múltiplas para articular as suas (in)disponibilidades com as dos seus maridos/companheiros ou lutam por fazê-lo sozinhos. A prová-lo estão os sinónimos utilizados para descrever o dia-a-dia, como «*aventura*», «*azáfama*» ou até mesmo «*loucura*», bem como os adjectivos que os acompanham: «*cheio*», «*confuso*», «*complicado*», «*difícil*», «*agitado*», «*preenchido*» ou «*cansativo*». Porque trabalham perto de casa ou a quilómetros de distância; porque há que iniciar o trabalho manhã cedo ou porque se começa mais tarde; porque sujeitos a um horário «*das nove às cinco*» ou a um outro que se prolonga pelo final do dia, início de noite ou noite; porque se goza de um horário a tempo inteiro ou a tempo parcial; ou, finalmente, porque a condição perante o trabalho é a de um trabalhador por conta de outrem ou por conta própria, pais e mães adaptam as horas de acordar, de levantar e vestir os filhos, de os deixar na escola ou à guarda de alguém ou de alguma instituição e, por último, de os recolher e regressar a casa ao final do dia. A «*automobilização da vida familiar*» (Urry, 2000) emerge, assim, como característica transversal dos quotidianos estudados. O automóvel é «*parte da família*» e está presente, de manhã à noite, nas rotinas de «*entrega*», «*distribuição*» e «*recolha*» de crianças. Ao mesmo tempo integra e prolonga as dinâmicas familiares entre pais e filhos: é nele que os filhos de Edgar [e26]¹² «*acabam de tomar o pequeno-almoço*», e que Eduardo [e05] no fim do dia estabelece com os filhos «*a conversa típica do 'como é que correu?', 'o que é que fizeste?' ou 'o que é que aconteceu?'*».

Porém, seria errado dizer que o dia-a-dia dos entrevistados é ditado exclusivamente pela sujeição aos ritmos, horários e características da associação que mantêm ao mundo do trabalho pago. É certo que na sua dimensão mais visível são esses vários aspectos conjugados entre si que, à primeira vista, impõe e molda, «*à medida*», o

¹¹ Sempre que foi considerado relevante, as narrativas dos entrevistados foram complementadas com dados circunstanciais que ajudam à contextualização. Uma vez que a informação considerada pertinente é muito diversa, seleccionam-se as variáveis que se afiguram mais contíguas e discriminantes relativamente às áreas temáticas em análise.

¹² Os nomes dos entrevistados, bem como os dos seus filhos são pseudónimos atribuídos pelo próprio/pela investigadora. Os dados cronológicos reportam-se a 2009.

quotidiano de adultos e crianças. Mas o modo como o dia-a-dia está estruturado «*depende*» também de vários outros factores. Nomeadamente, do número e idade dos filhos, da situação conjugal, estrutura familiar e da rede social sobre a qual está alicerçado esse mesmo quotidiano. São todos estes factores que em conjunto formam uma «*teia*» (Alarcão, 1998) mais ou menos imbricada de elementos formais e informais onde as famílias estão incluídas. Mas numa outra dimensão, mais invisível, o dia-a-dia é também atravessado pelos modelos de conjugalidade e pelas dinâmicas de género que lhes são subjacentes. Daqui resulta o maior centramento das tarefas domésticas e cuidados aos filhos na figura da mulher-mãe ou, mais frequente, uma maior repartição (não necessariamente igualdade) entre os membros do casal.

Quando aproximamos o nosso olhar, percebemos que as adaptações e ajustamentos no caso das famílias bi-parentais podem ser motivados por um ou outro dos membros do casal. Pode acontecer, por exemplo, ser o horário de trabalho e/ou a distância casa-trabalho da mãe a determinar o ajustamento do marido, como acontece com Eduardo [e05]. Durante parte da semana é ele quem assegura as tarefas de levantar e gerir os pequenos-almoços e a distribuição dos filhos pela escola. A razão tem que ver com o facto de a mulher, professora, trabalhar a cerca de trinta quilómetros da residência. Nos dias em que entra às oito da manhã e tem de sair de casa com a devida antecedência, é Eduardo quem «*trata de tudo*». «*Nesses dias o meu horário normal é, levanto-me sete e vinte, trato dos meus filhos em termos de vestir, dar o pequeno-almoço, arranjá-los, saímos de casa e vou levá-los à escola*». Mas o ajustamento das rotinas matinais e a consequente divisão das tarefas pode ser também motivado pelo horário do pai. É o caso de José [e08], que está no último de uma licenciatura em Protecção Civil na Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Beja, a 80 quilómetros de distância. Nos dias em que tem aulas logo pela manhã levanta-se às seis para fazer a viagem. Porque sai cedo, «*tem sido impossível*» tratar das rotinas de levantar e vestir a filha de três anos, tarefa agora desempenhada pela mulher. Mas mesmo nos dias em que não tem aulas em Beja, o facto de ter a seu cargo a responsabilidade sobre pessoal operário faz com que por volta das sete e meia da manhã já tenha que estar no trabalho. Não seria estritamente necessário, já que em rigor «*entra ao trabalho*» às nove da manhã, mas José faz «*questão de estar*» às oito quando o pessoal entra ao serviço. «*Gosto de chegar sempre cedo [...] porque tenho a meu cargo todo o pessoal operário ao serviço e gosto de estar com eles de manhã antes de eles começarem. Para falarmos um pedaço, porque faz sempre falta falar! Não é só dizer 'vão fazer isto ou*

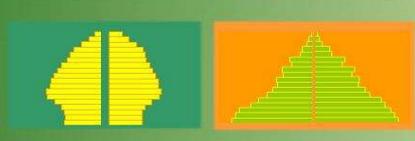
aquilo', às vezes é preciso trocar impressões, tirar dúvidas, explicar porque é que é assim...». Esta questão, importante para José do ponto de vista dos recursos humanos que gere, faz com que seja a mulher, professora, que geralmente sai mais tarde de casa, a ter a seu cargo a responsabilidade principal do levantar, vestir, dar o pequeno-almoço e levar a filha a casa dos avós.

Mas as rotinas não são estanques e alteram-se ao longo do tempo, motivadas não apenas por mudanças várias nos modos de relação com a esfera do trabalho pago, mas também, por exemplo, em função da idade dos filhos e das opções adoptadas para a guarda das crianças. António [e27] exemplifica bem o modo como as suas rotinas matinais têm variado tanto ao longo do tempo, adaptando-se continuamente aos ritmos de trabalho diferenciados dele ou da mulher. «*Têm sido fases*», afirma. A mulher é professora e esteve já destacada fora da cidade. Ele, gestor bancário, desenvolve normalmente a sua actividade junto de balcões fora de Évora, pelo que é sempre difícil prever com certeza a hora a que chegará a casa. «*Tanto posso estar às cinco, como ontem cheguei eram dez da noite*». Desde que tem filhos já vivenciou experiências muito diferentes de conciliação de horários, tanto os seus como os da mulher, com os das crianças. «*Houve fases em que optámos por ser eu de manhã, ela entrava mais cedo e então era eu a tratar dos miúdos, a dar-lhes banho e a levá-los nessa altura para o Jardim de Infância. Depois era ela ao final do dia a recolhê-los. Nos últimos quatro, cinco anos ela tem estado em Évora [...] e mais ou menos o horário tem sido conciliador para poder ir levar os miúdos de manhã à escola e buscá-los depois ao final da tarde e ir levá-los a determinadas actividades em que eles andam*». Neste caso, António e a mulher «*alternam*» porque para ele é «*mais fácil de manhã poder levantar os miúdos e levá-los à escola*». Depois, «*ao final do dia faz ela a recolha dos miúdos*», o que vem colmatar o facto de usualmente ele chegar a casa mais tarde.

Outras vezes, assiste-se pela manhã a uma partilha das tarefas, partilha essa que acompanha geralmente uma saída em simultâneo de casa. Nesses casos, e em particular nas famílias bi-parentais de dois e mais filhos, as rotinas da manhã são divididas entre os dois membros do casal. Deixa de ser utilizada a justificação do «*é assim porque...*», «*depende de...*» ou «*é consoante a nossa disponibilidade*», e passa, muitas vezes, a utilizar-se o «*tanto eu, quanto ele*», o «*é indiferente*» ou o «*tanto faz*» como argumento para uma divisão «*necessária*», «*fundamental*» e «*mecânica*», que torna tudo «*mais rápido e expedito*». Libertos de condicionalismos unilaterais que a associação ao mundo do trabalho pago por vezes determina, estes entrevistados não deixam, nessa altura, de estar

sujeitos a outros condicionalismos. Em concreto, referimo-nos às dinâmicas de género que, qual mão invisível, definem a repartição das tarefas quotidianas matinais entre os membros do casal e assumem maior visibilidade justamente nos casos em que as condições de homens e mulheres são, à partida, iguais. Isto é, revelam-se de forma proeminente nos casos em que pais e mães têm sensivelmente os mesmos horários, saem de casa ao mesmo tempo ou encontram-se em casa em simultâneo.

À medida que aprofundamos a análise sobre as narrativas que homens e mulheres fazem dos seus quotidianos, percebemos que eles e elas se referem de modo distinto às rotinas matinais. Os homens descrevem frequentemente essas rotinas com recurso a metáforas que enfatizam uma dimensão «mecânica», «logística» ou «automática», ao passo que as mulheres utilizam menos metáforas e detalham com bastante mais minúcia as diversas actividades que empreendem. E é graças a esta característica do discurso *deles* que percebemos como o discurso mais grosseiro, geral e abstracto *deles* oculta, frequentemente, sob a capa de uma aparente igualdade na repartição de tarefas, uma profunda segregação de papéis. O recurso à metáfora da «mecanização» é particularmente visível nas palavras de Rui [e29]. Para este bancário de 34 anos, com dois filhos de quatro e um ano, o levantar das crianças «é quase mecanizado, é mecânico... acordamos por tendência às sete. Um vai tratar de um, outro vai tratar de outro [...] leite num, leite noutra, vestir, limpar os olhinhos quando precisam, metê-los no carro, fazer a distribuição. Normalmente é um no colégio, outro com uma das avós». Não raro, à «mecanização» das tarefas está subjacente uma ideia de rapidez e eficiência das mesmas. Se a metáfora é mais frequentemente utilizada pelos homens, isso ajuda a compreender porque a «maior rapidez» e «eficiência» advém também da aplicação das suas «competências» quando comparada com a das mulheres. O discurso de António [e27] é igualmente exemplificador desta constatação: «normalmente eles [os filhos] comigo até se levantam mais rápido da cama, e vão mais rápido para o banho, e são mais autónomos quando sou eu a dar instruções do que propriamente quando é a mãe. Quando é a mãe estão sempre à espera que ela lá vá, que vá ver se a água está mais quente ou mais fria..., se calhar quase que estão à espera que a mãe lhes vá entregar a toalha quando saem do duche, e comigo já sabem que não porque obviamente eles têm que ser autónomos nessas coisas, não é?». A mesma ideia de rapidez perpassa ainda no discurso de Guilherme [e28], sobretudo quando é ele o responsável por dar o leite ao filho pela manhã. «Corre bem porque nós fazemos uma coisa que é... ele bebe leite e continua a beber o leite pelo biberão. Se for ao lanche bebe o leite por uma chávena,



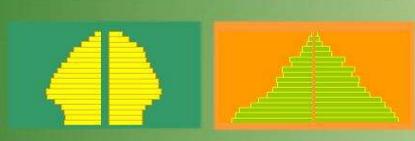
normalíssimo. De manhã bebe pelo biberão porquê? Porque eu dou-lhe o leite e ele fica ali entretido sozinho. Não é preciso estar ali mais ninguém a tomar conta dele. Eu despacho-me e a minha mulher despacha-se!».

Contrariamente aos homens que parecem compactar as várias tarefas da manhã no levantar – pequeno-almoço – saída de casa, as mulheres detalham no seu discurso um conjunto maior das diversas tarefas empreendidas. Esta maior visibilidade dada às várias «tarefas da manhã», pré-definidas e conhecidas *a priori*, é descrita por Maria do Carmo [e02]. É ela quem acorda o filho e o incentiva a preparar-se para sair para a escola. A descrição da manhã é feita à margem das actividades do marido/pai. É como se ele fosse não um personagem mas um mero figurante no quotidiano desta família. «*Acorda-se por volta das dez para as sete. Vou tomar duche. Entretanto vou chamar o pequeno. 'Miguel!'. Abro a janela e tal..., acendo a luz. 'Miguel, a mãe vai tomar banho e quando voltar já tens de estar a pé! É claro que não está! Vou lá e chamo-o mais duas e três e não sei quantas vezes, enquanto o pai faz a barba e aquelas coisas todas [...]*». O mesmo pormenor descritivo é empreendido por Ana [e16]: «*tenho que levantar às sete horas porque se me levanto mais tarde já não dá!*», comenta. As tarefas são divididas com o marido e é com recurso ao detalhe de uma repartição aparentemente casual que entramos na divisão sexual dos cuidados matinais às crianças. «*Eu e o meu marido começamos logo a implementar a movimentação lá em casa que é para aquilo correr bem. Começamos a levantar, abrimos a janela do quarto dos miúdos, escolho a roupa deles, em função do tempo, vou tratar de mim primeiro... entretanto o meu marido já fica a começar a tentar vesti-los a orientá-los. Porque muitas vezes eles depois não querem, metem-se na cama outra vez...*». É certo que ambos participam, mas é Ana quem escolhe a roupa das crianças que o marido, depois, há-de ajudar a vestir. «*Depois quando já estou despachada, banho e vestida, vai o meu marido e vou eu a seguir, pego neles... faço as camas, dou ali um jeito nas coisas que minimamente têm de se arrumar..., às vezes tenho que pendurar também uma roupinha de manhã, não é? Faz parte [risos], e depois levo-os para tomar o pequeno-almoço [...]*». Mais uma vez, tudo se passa com uma gestão equilibrada do tempo, «*enquanto*» um faz uma coisa, «*o outro trata de outra*». Ana deixa para si o fazer das camas e ainda tratar de algumas outras tarefas domésticas que haverá a fazer logo pela manhã. O detalhe (irreflectido) da repartição de tarefas alterna, neste caso, com a explicitação (enfaticada) da participação de ambos: «*ou eu ou o meu marido, é indiferente, se ele se despacha vai adiantando, depois entretanto temos de ir investigando o que é que eles querem tomar de pequeno-almoço se é a papa ou o*

iogurte ou o sumo ou... há sempre coisas diferentes. Mas normalmente são sempre essas três as opções. [...] Depois eles lavam a cara, os dentes, etc. Nove horas, temos que sair de casa. Geralmente eu levo o mais velho à escola que já está na escola primária, e o meu marido leva a mais pequena ao colégio». Num outro exemplo, o de Joana [e15], também as rotinas da manhã se desenrolam a quatro mãos. «De manhã, se eles não acordam por si normalmente também é assim, é... o Afonso vai o pai buscar e eu vou buscar o Rodrigo. Aí mais ou menos somos os dois». Porém, todas as outras tarefas que dizem respeito aos cuidados das crianças ficam mais para Joana que para o marido. «Eu trato de preparar o pequeno-almoço para os pequeninos, tratar das roupas, vamos deixar nos meus pais...».

Independentemente do número e idade dos filhos, o stress da saída de casa pela manhã pode ser atenuado pela possibilidade de recorrer a ajudas além-família nuclear, seja uma empregada, seja a ajuda prestada pelos avós. É certo que nos casos em que as famílias contam com uma empregada a tempo inteiro, a «ajuda» é sempre referida como uma ajuda à mulher e não ao homem. Ainda assim, é descrita como uma mais-valia para tornar a manhã «mais fácil». Raquel [e19], mãe de dois filhos de 8 e 6 anos, conta com essa ajuda para as tarefas de levantar e vestir os filhos. De manhã é normalmente ela quem trata de tais actividades. «Com a ajuda do João, quando ele está». Mas quando o marido não está, a ajuda vem de outro lado: «está também cá uma senhora... nós temos cá uma senhora toda a semana, entra às oito e de manhã dá-me ali uma ajuda. E então... ela também me ajuda bastante durante a semana. Ajuda-me nas tarefas ali de manhã, a despachar aquilo tudo». Também Teresa [e21], com três filhos e uma empregada a tempo inteiro, que inclusivamente fica com a filha mais pequena, descreve a manhã com relativa tranquilidade. «Agora estou numa fase assim um pouco diferente do que é normal porque tenho uma filha com onze meses e a que ainda dou mama e por isso ocupa-me muito tempo. Este ano também a minha filha mais velha entrou para a escola primária. Acordo de manhã, visto-a a ela e ao irmão que vai para o infantário e que é no mesmo local. Geralmente é o meu marido quem os vai levar. Eu fico a acabar de me arranjar e a tratar da pequenina que às vezes precisa mamar ali ao princípio da manhã. Pronto, trato dela, arranjo-me, saio e é quando vou fazer as minhas coisas. [...] Tenho a senhora que fica cá em casa todo o dia até às cinco horas e que quando ela acorda me avisa [...]».

Mais frequente que o apoio de uma empregada é o recurso aos avós que em várias das situações ajuda a tornar a saída de casa mais «tranquila». De facto, deixar os filhos ao cuidado dos avós significa, entre outras «vantagens» que veremos adiante, uma maior



liberdade relativamente aos modos de entrega dessas mesmas crianças. Guilherme [e28] só tem um filho, de cinco anos. Usualmente deixa-o em casa dos avós que depois se encarregam de o levar ao colégio. Com «*a pressa da manhã*» nem sempre ele ou a mulher têm tempo de o vestir correctamente. Quando isso acontece não se preocupam muito. «*Se estamos atrasados... vai em pijama e os avós tratam do assunto [risos]*». Num outro exemplo, o de Cláudia [e10], a manhã é preocupante apenas na medida em que pode comprometer o tempo de que dispõe para si, já que no que diz respeito aos filhos, o facto de poder contar com a mãe, que vive no primeiro andar, constitui uma ajuda «*inestimável*». Segundo diz, nesse aspecto, não é «*muito sacrificada*». «*Levanto-me [...], é só vestir, comer qualquer coisa e... os miúdos... a minha mãe mora aqui em cima, no 1.º andar, então vem para baixo, muitas vezes eles ainda estão a dormir, a minha filha só entra às nove... depois a minha mãe faz a segunda parte*». Cláudia tem um filho pequeno, de apenas três anos mas nem isso constitui uma sobrecarga excepcional para as rotinas matinais, já que a mãe pode «*continuar*» o trabalho por ela encetado. «*Se porventura o meu António se lembrar de acordar às sete, o que agora parece que tem acontecido com mais frequência, ... eu adianto o serviço, dou-lhe um biberão e mudo-lhe a fralda... aquelas coisas da praxe... e depois a minha mãe continua*».

A possibilidade de contar com o apoio dos avós é importante em termos de guarda de crianças também pela flexibilidade de horários que ao final do dia representa. Justamente uma das principais dificuldades de articulação entre vida profissional e vida familiar passa pela dificuldade de conciliar os horários dos pais com os horários dos equipamentos socioeducativos e de guarda das crianças (Torres *et al*, 2004). Ora, a presença dos avós facilita essa articulação como bem refere Rui [e29]. «*Sou casado e tenho dois filhos... como é que gerimos isso? Com muita dificuldade! Uma vez que a minha mulher é gestora de risco na zona do Baixo Alentejo... temos a ajuda dos avós. Essencialmente é isso! O nosso suporte familiar passa muito pela ajuda que eles nos dão. Apesar de eles estarem sempre primeiro em qualquer circunstância, é muito fácil falhar com as horas. É muito fácil!*». A ajuda dos avós é de tal forma importante que aqueles que dela não podem dispor sentem essa diferença como «*desvantagem*». É assim para António [e27]. No dia-a-dia pensa muitas vezes nisso: «*por vezes é-nos mais difícil que relativamente a outros amigos nossos porque eles têm familiares perto. Nós não temos familiares perto. Nem pais, nem primos. Com pais que são filhos únicos, filhos que são filhos únicos não há primos, não há irmãos, não há ninguém que nos possa... eles estão perto mas estão a 40 km, não é?*». Porque

de facto a ajuda dos avós é particularmente importante nos discursos e nos quotidianos dos entrevistados, centramo-nos em seguida, e de um modo mais aprofundado, sobre o lugar dos avós nas ajudas, entreajudas e solidariedades familiares.

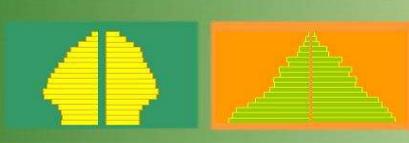
De tarde: ajudas, entreajudas e solidariedades familiares

De tarde, na sequência aliás de uma relação que se inicia pela manhã, é comum a muitos entrevistados passar em casa de pais ou sogros a fim de recolher as crianças. De facto, é da conjugação e complementaridade entre um conjunto diversificado de elementos formais e informais que compõem a rede social dos indivíduos que resulta o equilíbrio sobre o qual se alicerça o dia-a-dia das famílias com filhos pequenos. E neste «*emaranhado*» de relações, onde «malha a malha se tece a teia» (Alarcão, 1998), esse equilíbrio é tanto mais difícil de conseguir quanto mais pequenas são as crianças e menos densa for a rede. A exclusividade da dependência de redes formais (como o infantário, a creche, a escola ou o ATL¹³) torna as famílias mais «*stressadas*» e com um sentimento de escassez de tempo maior, ao passo que a complementaridade entre a rede formal e a rede informal, em particular com recurso ao apoio prestado pelos avós, torna o quotidiano um pouco mais «*flexível*», «*seguro*» e «*menos angustiante*». De fora desta constatação ficam as situações de pais com crianças perto da idade limite que estudámos (14 anos). De facto, a idade mais elevada e a conseqüente autonomia das crianças/pré-adolescentes não torna tão problemática para os pais a questão da ocupação do tempo entre o final das actividades escolares e a disponibilidade de horário para os recolher. Mais crescidos, são já eles muitas vezes quem faz por si só essa ligação entre escola e actividades extra-curriculares ou, dito de outra forma, são eles quem se encarrega de fazer as pontes entre o «*mundo da escola*» e o «*mundo da família*».

No domínio das relações informais, a nossa amostra patenteia de modo evidente o papel dos avós como elo importante para as famílias com filhos pequenos, referidos que são muitas vezes como um ponto de passagem «*obrigatório*», quer de manhã, quer à hora de almoço, ou ao final do dia e início de noite. Todos os pais que entrevistámos e em que pelo menos um dos seus pais/sogros vive em Évora mantêm com eles contacto variável mas regular que vai do diário ao semanal. As razões são sempre as mesmas. Une-os as

¹³ Actividades de Tempos Livres, designação utilizada para certos espaços infantis em Portugal.

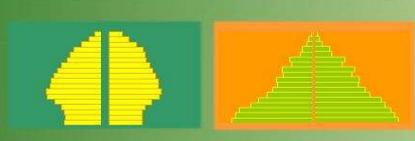
crianças (filhos de uns, netos de outros) e formas de apoio que consubstanciam uma solidariedade familiar descendente e nunca ascendente, em concreto, no sentido avós/netos e pais-idosos/ filhos-adultos (Vasconcelos, 2002; 2005). A justificação para esse facto tem que ver com a juventude da nossa amostra e conseqüentemente a relativa juventude dos seus pais. Com uma média de 38 anos de idade, os entrevistados contam com a presença e ajuda de pais «*jovens*» e «*plenamente activos*», que gozam de uma saúde relativa, estabilidade financeira e disponibilidade de tempo. A este «envelhecimento activo» de pais e sogros (Fernandes e Botelho, 2007; Gil, 2007), acrescentam, no plano prático, algumas competências «*úteis*» como a posse de carta de condução e o «*prazer de estar com*» os netos, o que lhes permite dar uma ajuda importante aos filhos em termos «*logísticos*». Ana [e16], cujos sogros vivem em Lisboa, sintetiza assim o recurso aos seus pais (que vivem em Évora), no apoio que prestam aos netos: «*Nesse aspecto eu acho que só lhes faz bem. Porque faz bem aos avós e faz bem aos netos. E porque também é assim, os meus filhos têm a sorte de ter os avós maternos cá. E com uma disponibilidade... os meus pais têm 60 e estão bem, e vão com eles para aqui, e depois vão ao carrossel, e depois vão passear...*». Em suma, os dados que analisámos permitem a constatação de uma «ruptura face ao envelhecimento-incapacidade» (Gil, 2007), expressa no facto de os entrevistados poderem contar com o apoio dos seus pais, que apesar de idosos (porque sexagenários), não são velhos. Estes «novos velhos» são os indivíduos que estão na «idade nova» (Gaullier, 1988 *apud* Fernandes, 2001: 45), uma fase da vida situada entre o fim da ligação à esfera profissional (reforma) e a velhice propriamente dita, e onde não acusam ainda os seus sinais, nomeadamente a perda de capacidades essenciais, a dependência física e/ou a incapacidade psíquica. Por esta razão, não encontramos na nossa amostra qualquer referência a cuidados e responsabilidades familiares no sentido filhos adultos/pais idosos. De facto, tais responsabilidades incidem não sobre a geração que entrevistámos mas sobre a que a antecede, de modo que são os seus pais quem acumula, nos casos em que isso se justifica, as responsabilidades com os idosos dependentes. Ou seja, são os avós dos entrevistados ou dos seus cônjuges/companheiros (e, portanto, os bisavós dos seus filhos), na casa dos 80 anos, que por vezes são citados como alvo de «*cuidados especiais*», necessários ante a deterioração do estado geral de saúde e dependência progressiva. Expressão do aumento da esperança média de vida, a co-longevidade das gerações permite de facto esta sobreposição cada vez mais frequente e nova do ponto de vista



demográfico que é a co-existência geracional (Fernandes, 2001), de quatro, por vezes cinco gerações familiares.

Da conjugação entre pais e sogros, em casal ou já viúvos, que se reformaram aos 65 anos, alguns ex-funcionários públicos que beneficiaram de reformas relativamente cedo (antes dos 60 anos), e mães e sogras que sempre foram «domésticas», resulta que a generalidade dos entrevistados pode contar com pelo menos um pai/sogro «disponível» para os ajudar. Nalguns casos, essa ajuda vem mesmo «dos dois lados», de modo «alternado», para não sobrecarregar quer «um lado», quer «o outro». Esta «ajuda» materializa-se, desde logo, na guarda de crianças. Na justificação apresentada pela opção de deixar os filhos com os avós (quase sempre as avós), conciliam-se argumentos favoráveis para todos os envolvidos. Guilherme [e28], bancário, reconhece a tripla vantagem de deixar quotidianamente o filho de cinco anos ao cuidado dos avós. A mãe é doméstica e o pai reformado, a sogra é também doméstica e o sogro mantém-se activo com um pequeno negócio por conta própria. A mãe de Guilherme não tem carta de condução mas a sogra tem e «portanto, entre todos há sempre possibilidade de dar uma ajuda, o que é ótimo!». Levantam-se os dois «muito cedo», e como a mulher de Guilherme trabalha fora de Évora e sai de casa primeiro, ele nem sempre consegue «despachar» o filho a tempo. Quando pode, Guilherme deixa directamente o filho no colégio. Mas, noutros casos, deixa-o com os pais ou com os sogros que depois, «com tempo», se encarregam de o deixar no colégio. «Eu para deixar o Manel no colégio e depois estar aqui às oito e trinta tenho que o deixar por volta das oito ou senão até um bocadinho antes. E a essa hora o colégio está fechado. Fechado entre aspas. Não há praticamente miúdos. O grosso dos miúdos começa a chegar mais tarde. Por volta das nove. Até mesmo em termos de funcionários também, começam a chegar mais tarde e digo que é bom para ele porque... essencialmente para ele. E para nós também porque o nosso dia-a-dia é sempre um bocado atribulado, é sempre à pressa, é sempre a correr de um lado para o outro e nós temos essa flexibilidade. E também é bom porque apesar de eu achar que os avós dão cabo dos netos acho que é bom eles estarem juntos e conviverem. E ele gosta, como gostam todos os miúdos, penso eu».

Que argumentos estão por detrás desta situações e de outras análogas? Em primeiro lugar, o «bem-estar das crianças» e a importância da presença dos avós no seu desenvolvimento. Para quem pode, entregar os filhos ao cuidado dos avós é um «privilégio», uma «sorte». Ana [e16] reconhece as vantagens de ter deixado os dois filhos com a avó (sua mãe) num misto de «flexibilidade de horários», «cuidados personalizados» e



«proximidade afectiva». «O Rafael esteve com a avó até aos dois anos e meio porque eu achei que, quer dizer, já basta aqueles que não têm ninguém, que têm que ir para o colégio com cinco meses! Eles pequeninos precisam é de mimo, colo e do rabo limpo, não é? É a minha maneira de ver as coisas e portanto a minha mãe tinha disponibilidade, foi assim. Já a Patrícia teve de ir com um ano e meio porque a minha mãe teve que ser operada ao pé [...] e esperou... realmente ainda adiou ali um bocadinho por causa dela mas não fazia sentido prolongar mais [...]». Este contacto mais personalizado, de avós «preocupados» e que «dão mimo» é muitas vezes enfatizado como salutar para o desenvolvimento das crianças. Rui [e29] tem dois filhos, um de quatro que já está no colégio (foi aos três anos) e o mais novo de apenas um ano de idade e que ainda está com os avós. A mãe de Rui já está reformada (o pai já faleceu) e, do lado da mulher, a sogra é também doméstica e o sogro está na pré-reforma. Neste caso, vão «intercalando semana a semana, para não ser desgastante para elas. Uma semana fica numa, outra semana fica noutra». Na opinião de Rui a situação tem corrido «extraordinariamente bem», com repercussões positivas para o desenvolvimento psico-emocional dos filhos. «O Miguel é uma criança extremamente bem desenvolvida... fala muito bem, é muito desenvolvido e eu dou grande parte do valor disso à vivência inicial com os avós. É uma criança extremamente afectiva!». À semelhança de Guilherme, Ana e Rui, Pedro [e23] também conta com a proximidade geográfica e relacional de pais e sogros, ambos presentes e de relativa saúde. Até aos dois anos de idade, o filho mais velho esteve com os pais e sogros «alternadamente», e o mais novo até ao um ano. «Por norma são sempre os avós que os vão buscar. O mais velho mais os meus sogros e o mais novo mais com os pais mas é um pouco aleatório. Tem que ver com a disponibilidade de cada um e a nossa para não estar a sobrecarregar. Os avós têm um papel importante na vida deles que nós mesmo com a ida deles para a creche não quisemos perder. E ao final da tarde passamos e recolhemos».

Apesar de admitirem a economia que o recurso à guarda das crianças pelos avós representa para o orçamento familiar, os pais tendem a desvalorizá-la em detrimento de argumentos que reconhecem e valorizam a proximidade mutuamente positiva entre avós e netos. Joana [e15] interroga-se sobre a alternativa à ajuda do pai e da sogra de que beneficia actualmente para ir buscar o filho de seis anos à escola e assegurar o cuidado permanente do mais novo de apenas um ano de idade. «Teríamos de ter os meninos num colégio e se calhar gastava-se outra renda, não é? Completamente diferente!». Cláudia [e10] também admite que «sai mais barata» a opção de deixar o filho de três anos com a avó,

mas isso também tem efeitos positivos para a sua mãe viúva há um ano. Junta-se, assim, a «*distracção*» que a presença de uma criança significa no quotidiano de uma idosa viúva, às vantagens que daí advêm para essa mesma criança em desenvolvimento, vantagens já «*testadas*» com a filha mais velha de nove anos como comprova o «*feedback*» positivo vindo da escola. «*Ele está bem desenvolvido, espevitado que chegue [risos], não precisa que o espevitem mais [risos]. Eu tinha a experiência com a irmã mais velha e também não correu mal, nesse aspecto, sinceramente. E a professora até disse que ela na escola se portava melhor que os outros. Ela e os outros que tinham estado em casa, não era só ela especificamente. Do que aqueles que vinham do colégio. E eu achei por bem continuar com a mesma decisão em relação a ele.*»

Os pais tendem, assim, a valorizar a presença dos avós na vida dos netos, mesmo quando admitem algum «*excesso de mimo*» ou «*maior permissividade*» nessa relação, como acontece com Dora [e07]. «*Nós pais somos muito mais exigentes: 'e faz a cama', 'e tens que estudar', 'nananã, nananã', 'e não, não vais', ou 'não faças isto', ou 'não faças aquilo'. Temos o não muito mais na ponta da língua. Os avós... ela é a primeira neta, foi a primeira... e então tem tudo o que quer dos avós, não precisa fazer nada, nem fazer a cama, nem de... os avós fazem tudo. Se ela não gosta do almoço, a avó vai fazer de propósito outro prato para ela... daí eu dizer... [risos], é muito mais fácil a vida, não é?*». Também Joana [e15] dá voz a esse sentimento de como uma presença próxima e efectiva dos avós ajuda a desafiar regras e modelos de comportamento impostos pelos pais aos filhos. «*É assim, os avós vêm estragar os netos. Nós dizemos 'não' e depois vêm os avós e dizem 'deixa lá, deixa lá' [...]*». Joana não deixa de reconhecer como é «*importante*», «*económica*» e «*benéfica*» a presença dos avós. «*É uma ajuda tremenda! Não só pouparmos o dinheiro mas pelo descanso que nos dá estar com o meu pai, não é? E com a família. Obviamente que estarem com os avós é muito bom, e ainda bem que eles podem estar com eles e acho que aprendem muita coisa com os avós*». Apesar disso, reconhece as desvantagens do «*viver perto*». «*Mas temos de aprender a viver com o que nos dão de bom e de mau. E tem uma contrapartida que nós estamos a pagar à mesma! Se nós vivêssemos mais longe não tínhamos avós todos os dias a incutirem rebuçados! Se estivesse num colégio, às seis da tarde ia lá e era nosso. Era nosso! E depois no colégio não lhe estão a impingir o rebuçadinho. Houve alturas em que a primeira coisa que eles diziam à minha mãe não era 'olá avó!' era 'o que é que compraste?'. E eu disse, 'mãe, tu tens que parar imediatamente com isto. Mas tens que parar imediatamente!'. 'Ah, então uma coisinha custa um euro...'. Uma coisinha custa um euro todos os dias? Eles não sabem que*

isso custa um euro! [...] E continuamos nisto. E depois se eu digo que não... depois lá está, aos olhos dos nossos filhos nós pais somos os piores pais do mundo e os avós são os melhores avós do mundo!».

Mas a guarda de crianças durante o dia é apenas uma das faces da ajuda plurifacetada que avós prestam aos filhos e, conseqüentemente, a netos. Numa cidade de média dimensão como a que estudámos, as «culturas de transmissão intergeracional» (Brannen, 2006) adensam-se, possibilitando inclusivamente que filhos adultos beneficiem de uma refeição simultaneamente «*caseira*» e «*rápida*» em casa dos pais. É precisamente este o caso de Filipa [e18], que deixa normalmente de manhã os filhos em casa da sogra, onde volta depois para aí almoçar com o marido.

Ao final da tarde, o momento de «*passar pela casa dos pais*» ou sogros abre também espaço a outras formas de solidariedade familiar expressas em «*pequenas ajudas*». As avós, sobretudo elas, são o espelho da «*feminização*» e «*matrilateralização*» das ajudas familiares (Vasconcelos, 2002 e 2005; Torres *et al.*, 2004) e desempenham na nossa amostra um papel importante em termos de serviços domésticos, desde logo na ajuda à preparação de refeições. No momento de recolher as crianças ao final do dia, filhos e filhas encontram, não raro, «*uma ajuda para o jantar*». Ou são os pais que «*insistem*» para que os filhos jantem em sua casa ou, mais frequente, que levem para suas casas «*o jantar já adiantado*», comida «*caseira*» preparada antecipadamente pelas mães e sogras. A «*sopa para as crianças*» parece ser a alimentação mais cedida de tal forma que, nesses casos, aos pais resta depois fazer apenas «*um segundo prato*». Nelson [e11] é um dos entrevistados que beneficia frequentemente dessas ajudas por parte da sogra. «*Normalmente para eles [crianças], sopas e coisas assim a minha sogra, como vive aqui por cima, faz e traz para baixo para eles depois comerem. Nós ao fim e ao cabo fazemos o segundo prato para eles terem uma alimentação mais completa*». Quando os filhos de Pedro [e23] eram mais pequenos, este também contava sempre com a ajuda da mãe e sogra na «*gestão das sopas*». «*As avós confeccionavam as sopas e depois nós tratávamos do segundo. Porque pronto... havia aquelas regras do peixe, da carne, entre aspas, impostas pelo pediatra do 'agora vamos introduzir isto', 'depois aquilo' e... como a disponibilidade em termos de avós era maior... Quando o David nasceu a avó que estava livre é que confeccionava as sopas e coincidiu já estar o David no colégio quando o Tomás nasceu e acabou por funcionar bem. Uma avó tinha o Tomás, a outra ia buscar o David e confeccionava a sopa, pronto... foi essa gestão que surgiu*». Mas ainda hoje, já com os hábitos alimentares perfeitamente introduzidos nos

filhos de sete e quatro anos, *«isso agora ainda às vezes funciona, a minha mãe ou a minha sogra faz uma sopa ou assim. A minha mãe não com tanta frequência. A minha sogra... cozinha mais em quantidade então muitas vezes cozinha para que levemos para casa. A minha mãe tem mais a preocupação de variar e a quantidade não é tanta, salvo quando é preciso. A minha sogra sempre teve a tendência para fazer mais em termos de quantidade. E então resulta que às vezes trazemos mais por esse motivo. E questões temporais... falta de tempo por este motivo, aquele ou o outro»*. Pedro reconhece que *«facilita», «facilita em termos de... muitas vezes é chegar a casa e...»*, deixando perceber nas reticências a questão aproblemática em que se traduz o levar comida já confeccionada para casa depois de um dia *«cheio»*, como *«quando nos atrasamos por algum motivo... pelo trabalho dela, não sei quê ou mesmo por mim, ou a gestão do ir buscar o miúdo aqui ou ali ou a uma actividade que tenha aqui ou ali...»*.

Marta [e04] partilha com o ex-marido a guarda do filho de cinco anos. Nos dias da semana em que estão juntos, é comum a mãe insistir para que jantem em sua casa e Marta acaba por ceder. *«Ao nível de ajudas tenho, tanto tenho que a minha mãe esforça-se para que eu vá lá jantar ou que traga o jantar feito para não ter que estar a perder tempo com isso em casa. Sim! E a roupa a mesma coisa se eu lhe pedisse ou combinássemos seria a mesma coisa. Completamente!»*. De facto, para além da ajuda na preparação das refeições, o tratamento da roupa, nomeadamente o passar a roupa a ferro constitui o segundo volume de ajudas entre pais e filhos adultos, tanto no caso dos casados ou a viver em união de facto, como também no caso dos divorciados que contam com a proximidade das mães (Wall, Aboim e Cunha, 2010).

Finalmente, os avós são também uma âncora importante ao permitir uma maior disponibilidade de tempo para os pais, seja para trabalhar/estudar, seja ainda para actividades de lazer e diversão. Joana [e15], em pinturas no interior da casa no momento em que realizámos a entrevista, acabara de deixar o filho Afonso de seis anos com a avó para estar *«mais à vontade»*. *«Tenho andado nas pinturas e tal e tal, eles são um bocado chatos porque são crianças. O Pedro [companheiro] tem estado doente, ontem esteve com o pequenino cá em cima e o Afonso foi comigo para baixo mas tenho que estar sempre 'não mexas aí!', 'não ponhas aí!', 'não faças!'... é complicado! Então... vai para casa da avó!»*. No caso de Sofia [e03], divorciada e a concluir um mestrado que lhe ocupa todo o dia de sexta-feira desde as onze até às oito da noite e Sábado, não imagina *«como seria a sua vida»* sem a ajuda *«preciosa»* dos pais. *«Nesse dia os meus pais é que ficam e que vão buscar os miúdos.*

*Qualquer um deles. E ficam com eles até eu chegar. Os meus pais moram perto e são os meus ###¹⁴. Se não fosse isso não conseguia!». Outras vezes Sofia aproveita a noite de Sábado para sair à noite, «*ir beber um copo e arejar um bocadinho*» e também aí os pais asseguram a guarda dos netos. O mesmo faz Teresa [e21], casada, que com uma empregada a tempo inteiro e três filhos entre os seis e um ano de idade, «*deixa de fazer muito pouca coisa como jantar fora ou estar com os amigos*», pelo menos até certa hora. Sem necessidade de recorrer à ajuda dos pais para qualquer outra questão, a guarda de crianças à noite é a única tarefa que não delega a terceiros. «*O ir jantar, o estar até um bocado durante a noite é muito bom porque nós gostamos imenso de sair, assim para ir jantar fora, estar com amigos, ir a qualquer lado... e os meus pais nesse aspecto, a minha mãe sacrifica-se imenso. Mesmo com sono acaba sempre por estar até um bocadinho mais tarde com eles e nunca me pede para eu os ir buscar mais cedo, nem nada. Portanto sacrifica-se mesmo. Não tem preço realmente o que ela me faz de ficar com os miúdos!*».*

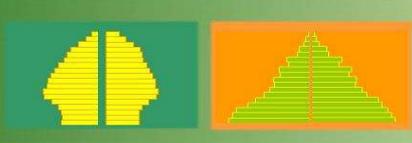
É uma «*sorte*» poder contar com este tipo de ajudas, como refere Afonso [e01]. É um «*privilégio*» que «*não tem preço*», possível numa cidade de média dimensão onde tudo está suficientemente próximo para adensar as solidariedades informais no triângulo avós – pais – netos.

Reflexões finais

O prolongamento da esperança média de vida, aliado a uma melhoria generalizada da qualidade de vida de que a terceira idade beneficia, faz hoje dos idosos (pais e avós), novos e inolvidáveis protagonistas da família contemporânea.

Os resultados obtidos neste estudo permitem destacar a importância do envelhecimento positivo, percebido pelos filhos adultos como um ponto-chave que sustenta a avaliação de qualidade de vida da sua família como um todo: pais e filhos, avós e netos, adultos e crianças. Por um lado, a presença dos idosos/avós é apontada como “fundamental” para o equilíbrio em que está alicerçado o quotidiano, tornando-o mais “flexível”, “seguro” e “menos angustiante”. Isso acontece porque os entrevistados contam com a presença e ajuda de pais e sogros relativamente “jovens” e “plenamente activos”, que gozam de uma saúde relativa, estabilidade financeira, disponibilidade de tempo mas,

¹⁴ ### foi utilizado sempre que uma palavra foi imperceptível no momento de transcrição da entrevista a partir do registo áudio.



sobretudo, “prazer” para ajudar e “estar com”. Confirma-se assim, na nossa amostra, a importância das trocas intergeracionais na família. A análise do seu conteúdo e intensidade, bem como o sentido dos fluxos enfatiza o domínio das ajudas domésticas mas, sobretudo, a guarda de crianças. Múltiplas e diversas, tais ajudas vão desde a guarda exclusiva (permanente ou alternada) de crianças até aos três anos de idade; noutros casos, a partir dessa idade e de modo mais pronunciado com a entrada na escolaridade, as tarefas do ir levar e/ou buscar à escola; e, finalmente, assegurar a guarda temporária dos netos para de novo os levar às actividades extra-curriculares em que estão envolvidos.

Adicionalmente, os idosos/pais são também uma âncora importante ao permitir mais tempo disponível para os seus filhos adultos, seja para trabalhar/estudar, ou mesmo para o lazer e diversão. Este facto é de tal modo importante na percepção da qualidade de vida que aqueles que não podem contar com ele sentem essa diferença como uma “desvantagem”.

Por outro lado, os entrevistados também reconhecem a importância da presença e do contacto regular, variando do diário ao semanal, que eles próprios mantêm com os seus pais e sogros (idosos), e os netos (crianças) com os avós, como um contributo positivo para o envelhecimento em si mesmo. O aumento da esperança média de vida e a longevidade das gerações que o acompanha é, nesta medida, percebido como de maior importância para o bem-estar de todos os envolvidos – adultos, crianças e idosos – que podem assim beneficiar de um ambiente de relacionamento mutuamente positivo.

É certo que a dimensão da cidade que estudámos ajuda à maior participação directa dos avós no dia-a-dia de filhos e netos. Porém, a sua presença vai muito para além das ajudas quotidianas à família nuclear, que aliás já conhecemos grandemente (Torres *et al.*, 2004; Vasconcelos, 2005; Wall, 2005). Indirectamente, porque mais afastados circunstancialmente da ruptura conjugal, desempenham um papel importante de «mediador informal» (Johnson, 1988) no trânsito de crianças entre famílias bi-nucleares. Os avós funcionam também, no caso das festas de aniversário, das férias de Verão ou do Natal, como um recurso escondido ao qual os pais podem recorrer para solicitar ajuda material, proporcionar ou complementar a guarda de crianças durante o dia enquanto trabalham ou vão às compras, e em fins-de-semana e férias enquanto asseguram a continuidade entre períodos esparsos ou possibilitam a ausência dos pais que saem para uma «escapadinha» sem os filhos, apenas em casal. É também porque temos hoje os avós presentes durante mais tempo na vida dos indivíduos, tanto de filhos como de netos, que



permite compreender porque são eles os novos protagonistas da experiência da morte significativa. Com taxas de mortalidade mais baixas, os números absolutos da mortalidade diminuem em todos os grupos de idade e a morte surge, tendencialmente, numa altura da vida em que é esperável que aconteça: a velhice. Isso faz com que frequentemente seja a perda de um avô ou avó o momento que em idade adulta primeiro confronta os indivíduos com a inevitabilidade da morte.

Na aparente banalidade do quotidiano, os idosos assumem visibilidade. Pela manhã, à tarde e à noite, bem como ao fim-de-semana e em momentos considerados “especiais” ou “difíceis”, são fundamentais no domínio das ajudas, entreajudas e solidariedades familiares. Adicionalmente, uma análise atenta da sua presença e participação no dia-a-dia de famílias com filhos pequenos obriga também ao reconhecimento de uma aliança inextricável entre envelhecimento positivo e qualidade de vida em cidades de média dimensão.

Bibliografia

- ALARCÃO, M. (1998). Família e redes sociais – malha a malha se tece a teia. *Interacões*, 7: 93-102.
- BARDIN, L. (1977). *L'analyse de contenu*. Paris: Presses Universitaires de France.
- BAUMAN, Z. (1999). *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- BAUMAN, Z. (2001). *The Individualized Society*. Cambridge: Polity.
- BAUMAN, Z. (2006 [2003]). *Amor Líquido – Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Lisboa: Relógio d'Água.
- BECK, U. (1992 [1986]). *Risk Society: Towards a New Modernity*. London: Sage Publications.
- BECK, U., & Beck-Gernsheim, E. (1995 [1990]). *The Normal Chaos of Love*. Cambridge: Polity.
- BECK, U., & Beck-Gernsheim, E. (2002). *Individualization. Institutionalized individualism and its social and political consequences*. London: Sage Publications.
- BECK-GERNSHEIM, E. (2002 [1998]). *Reinventing the Family: In search of New Lifestyles*. Cambridge: Polity.
- BERGER, P. (1978 [1963]). *Perspectivas Sociológicas – uma visão humanística*. 4^a. ed. Petrópolis: Editora Vozes, Ltda.
- BOSSARD, J. H. S., & Boll, E. S. (1950). *Ritual in Family Living – A Contemporary Study*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- BOURDIEU, P. (1993). À propos de la famille comme catégorie réalisée. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 100 : 32-36. <<http://dx.doi.org/10.3406/arss.1993.3070>>
- BOYCE, W. *et al.* (1983). The family routines inventory: Theoretical origins. *Social Science & Medicine*, 17(4): 193-200. <[http://dx.doi.org/10.1016/0277-9536\(83\)90116-8](http://dx.doi.org/10.1016/0277-9536(83)90116-8)>
- BRANNEN, J. (2006). Cultures of intergenerational transmission in four-generation families. *Sociological Review*, 54(1): 133-154. <<http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-954X.2006.00605.x>>
- BRANNEN, J., & Nielsen, A. (2005). Individualization, choice and structures: a discussion of current trends in sociological analysis. *The Sociological Review*, 53(3): 412-428. <<http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-954X.2005.00559.x>>
- CHIRBAN, J. T. (1996). *Interviewing in Depth. The Interactive-Relational Approach*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- CME (2006). *Carta Educativa do Concelho de Évora*. Évora: CME.
- COSTA, R. P. (2011). *Pequenos e Grandes Dias. Os Rituais na Construção da Família Contemporânea*, tese de Doutoramento em Ciências Sociais, área de especialização: Sociologia Geral, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL) – Portugal. <<http://hdl.handle.net/10451/4770>>
- DURKHEIM, É. (1975 [1888]). Introduction à la Sociologie de la Famille. in V. Karady [Pres.]. *Émile Durkheim – Textes – Fonctions sociales et institutions*. Paris : Les Editions de Minuit: 9-34. <<http://dx.doi.org/doi:10.1522/cla.due.int2>>

- FERNANDES, A. A.; & Botelho, M. A. (2007). Envelhecer Activo, Envelhecer Saudável: o grande desafio. *Fórum Sociológico*, Série II, 17: 11-16. <<http://forumsociologico.fcsh.unl.pt/PDF/FS17-Art.1.pdf>>
- FERNANDES, A. A. (2001). Velhice, solidariedades familiares e política social: itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança de vida. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 36: 39-52. <<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/spp/n36/n36a02.pdf>>
- FIESE, B. H.; & Kline, C. A. (1993). Development of the Family Ritual Questionnaire: Initial Reliability and Validation Studies. *Journal of Family Psychology*, 6(3): 290-299. <<http://dx.doi.org/10.1037/0893-3200.6.3.290>>
- FIESE, B. H. *et al.* (2002). A Review of 50 Years of Research on Naturally Occurring Family Routines and Rituals: cause for celebration?. *Journal of Family Psychology*, 16(4): 381-390. <<http://dx.doi.org/10.1037/0893-3200.16.4.381>>
- FLICK, U. (1997). *The episodic interview. Small scale narratives as approach to relevant experiences* [Series Paper]. <<http://www2.lse.ac.uk/methodologyInstitute/pdf/QualPapers/Flick-episodic.pdf>> [consulta a 29-10-2010]
- FLICK, U. (2005 [2002]). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.
- GIDDENS, A. (1996 [1992]). *Transformações da Identidade – sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. 2.ª ed. Oeiras: Celta Editora.
- GIDDENS, A. (2000 [1990]). *As Consequências da Modernidade*. 4.ª ed. Oeiras: Celta Editora.
- GIDDENS, A. (2000 [1999]). *O Mundo na Era da Globalização*. 2ª. ed. Lisboa: Editorial Presença.
- GIDDENS, A. (2001 [1991]). *Modernidade e Identidade Pessoal*. 2.ª ed. Oeiras: Celta Editora.
- GIL, A. P. (2007). Envelhecimento Activo: complementaridades e contradições. *Fórum Sociológico*. Série II, 17: 25-36. <<http://forumsociologico.fcsh.unl.pt/PDF/FS17-Art.3.pdf>>
- GILLHAM, B. (2005). *Research Interviewing – the range of techniques*. Berkshire: Open University Press.
- GILLIS, J. R. (1996). *A World of their Own Making. Myth, Ritual, and the Quest for family Values*. Cambridge: Harvard University Press.
- GLASER, B.G.; & Strauss, A.L. (1967). *The Discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research*. Chicago, IL: Aldine.
- IMBER-Black, E.; & Roberts, J. (1993). *Rituals for Our Times: Celebrating, healing, and changing our lives and our relationships*. New York: Harper Perennial.
- INE (2011). *Classificação Portuguesa das Profissões 2010*. Lisboa: INE. <http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=107961853&PUBLICACOESmodo=2>
- JENSEN, Eric W. *et al.* (1983). The Family Routines Inventory: Development and Validation. *Social Science Medicine*, 17(4): 201-211. <[http://dx.doi.org/10.1016/0277-9536\(83\)90117-x](http://dx.doi.org/10.1016/0277-9536(83)90117-x)>
- JOHNSON, C. L. (1988). Socially Controlled Civility. The functioning of rituals in the divorce process. *American Behavioral Scientist*, 31(6), 685-701. <<http://dx.doi.org/10.1177/0002764288031006007>>

KAUFMANN, J.-C. (1997). *Le coeur à l'ouvrage – théorie de l'action ménagère*. Paris: Édition Nathan.

KVALE, S. (1996). *Interviews: An Introduction to Qualitative Research Interviewing*. London: Sage.

MORGAN, D. H. J. (1996). *Family Connections – an introduction to family studies*, Cambridge: Polity Press.

MORGAN, D. H. J. (1999). Risk and family practices: accounting for change and fluidity in family life. In E. B. Silva & C. Smart [Eds.]. *The New Family?* (pp. 13-30). London: Sage.

PIRES, Á. (1997). Échantillonnage et recherche qualitative: Essai théorique et méthodologique. In J. Dans Poupart, J.P. Deslauriers, L. H Groulx, A. Laperriere, R. Mayer & A. Pires [Eds.]. *Enjeux Épistémologiques et Méthodologiques* (pp. 113-167). Montreal: Gaëtan Morin.

TORRES, A. C. *et al.* [Coord.] (2004). *Homens e Mulheres entre Família e Trabalho*. Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

URRY, J. (2000). Inhabiting the Car. *On-Line Papers of the Department of Sociology, Lancaster University*. <<http://www.lancs.ac.uk/fass/sociology/papers/urry-inhabiting-the-car.pdf>>

VASCONCELOS, P. (2002). Redes de apoio familiar e desigualdade social: estratégias de classe. *Análise Social*, XXXVII (163): 507-544. <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218732936N9mRE2wd0Xn17VQ4.pdf>>

VASCONCELOS, P. (2005). Redes sociais de apoio. In K. Wall [Org.]. *Famílias em Portugal. Percursos, Interações, Redes sociais* (pp. 599-631). Lisboa: ICS, Imprensa de Ciências Sociais.

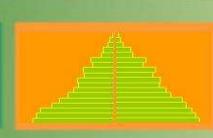
VIERE, G. M. (2001). Examining Family Rituals. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 9(3): 285-288. <<http://dx.doi.org/10.1177/1066480701093007>>

WALL, K. (2005). Modos de guarda das crianças. In K. Wall [Org.]. *Famílias em Portugal. Percursos, Interações, Redes sociais* (pp. 499-516). Lisboa: ICS, Imprensa de Ciências Sociais.

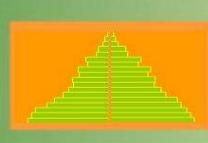
WALL, K.; Aboim, S.; & Cunha, V. (2010). *A Vida Familiar no Masculino. Negociando velhas e novas masculinidades*. Lisboa: CITE. <http://www.cite.gov.pt/asstscite/downloads/publics/A_vida_masculino.pdf>

WHITEHOUSE, H. (2000). *Arguments and Icons: Divergent Modes of Religiosity*. Oxford: OUP.

WOLIN, S. J., & Bennett, L. A. (1984). Family Rituals. *Family Process*, 23(3), 401-420. <<http://dx.doi.org/10.1111/j.1545-5300.1984.00401.x>>



Apêndices



Genogramas Familiares (ano de referência: 2009)

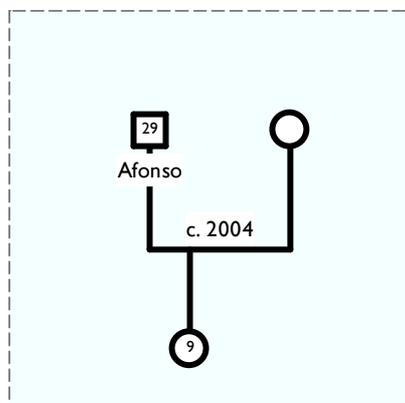


Figura 1 – Afonso [e01]

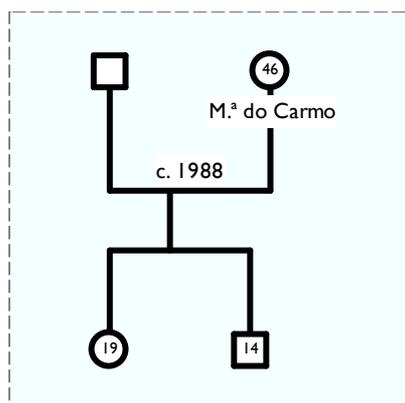


Figura 2 – Maria do Carmo [e02]

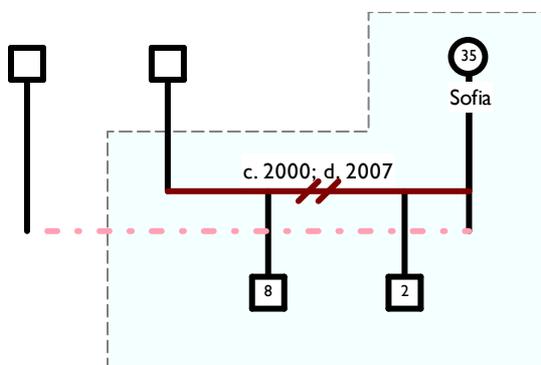


Figura 3 – Sofia [e03]

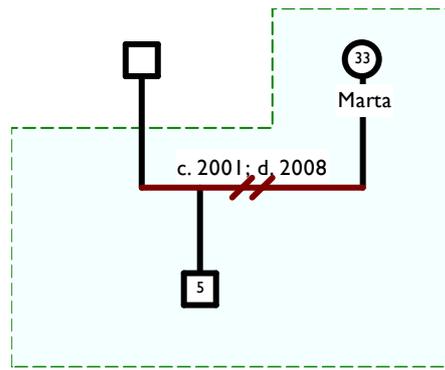
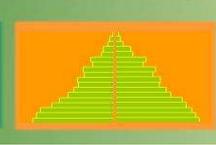


Figura 4 - Marta [e04]

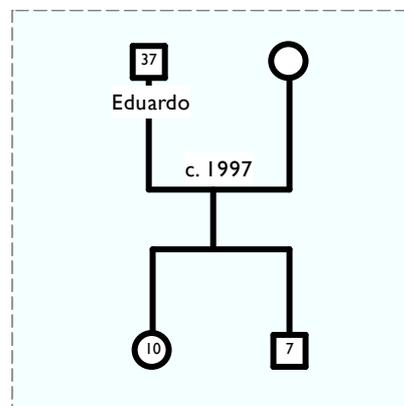


Figura 5 - Eduardo [e05]

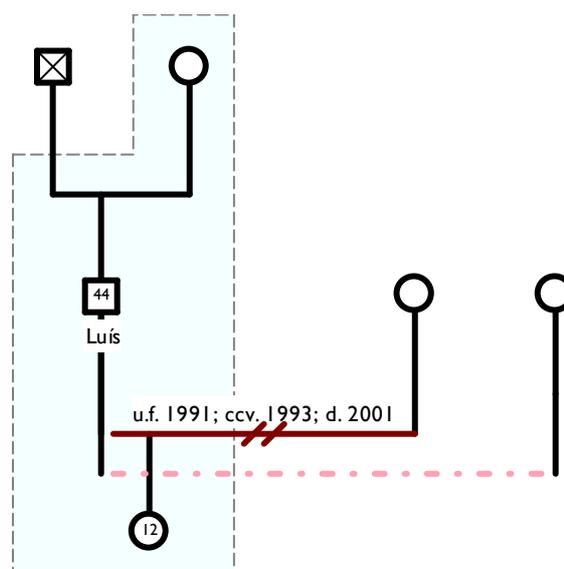


Figura 6 - Luís [e06]

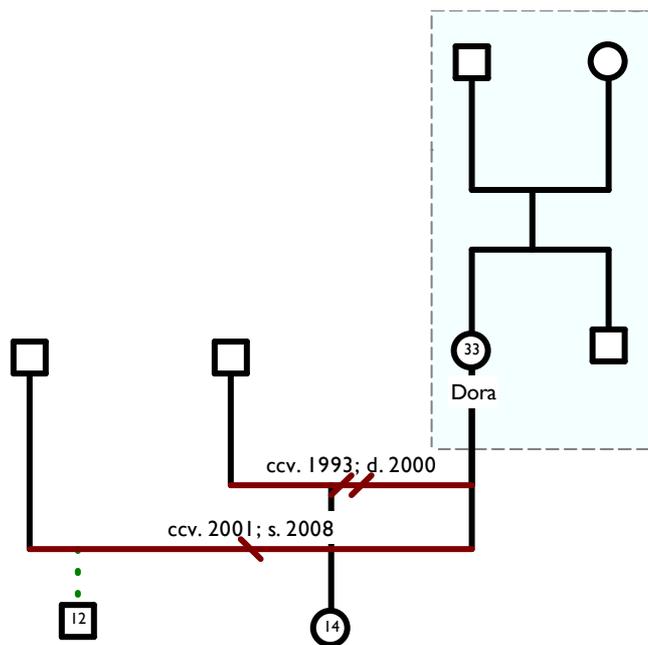
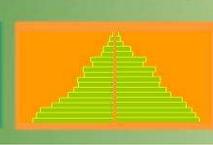


Figura 7 - Dora [e07]

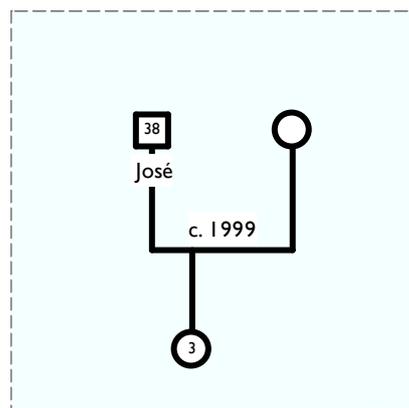


Figura 8 - José [e08]

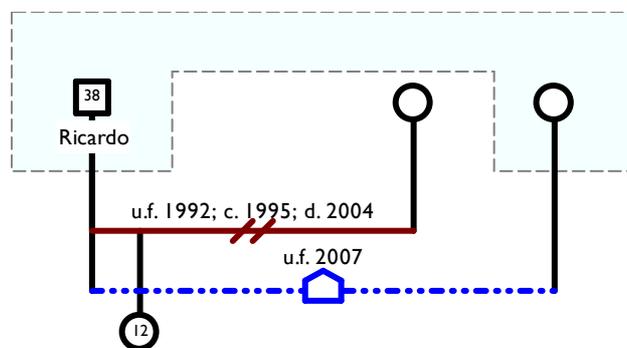


Figura 9 - Ricardo [e09]

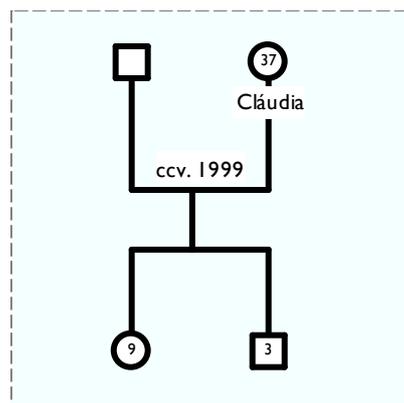
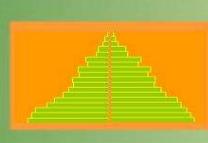


Figura 10 - Cláudia [e10]

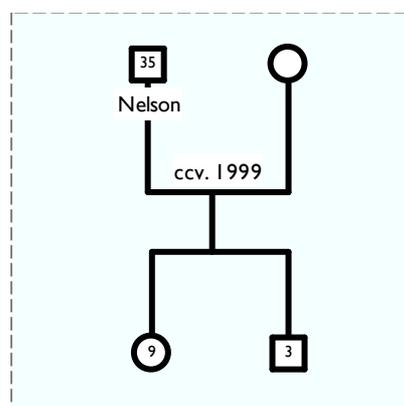


Figura 11 - Nelson [e11]

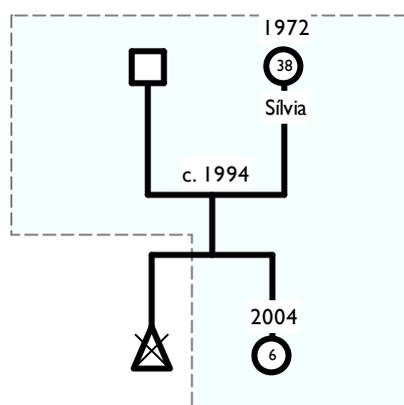


Figura 12 - Sílvia [e12]

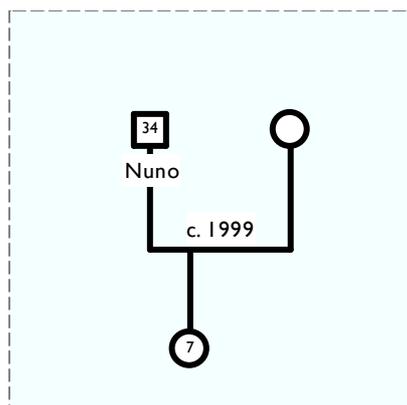
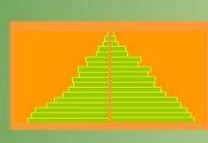


Figura 13 - Nuno [e13]

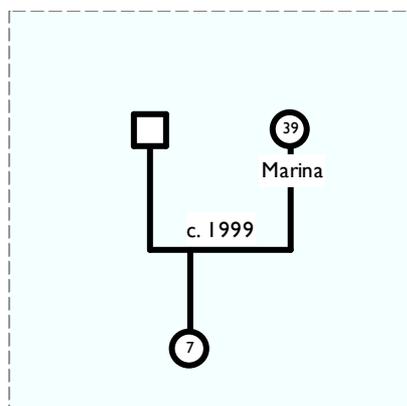


Figura 14 - Marina [e14]

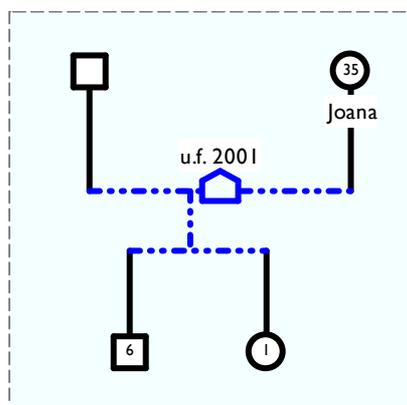


Figura 15 - Joana [e15]

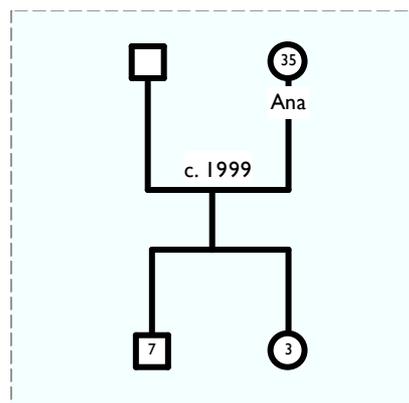
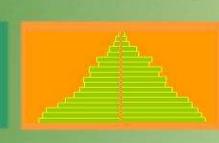


Figura 16 - Ana [e16]

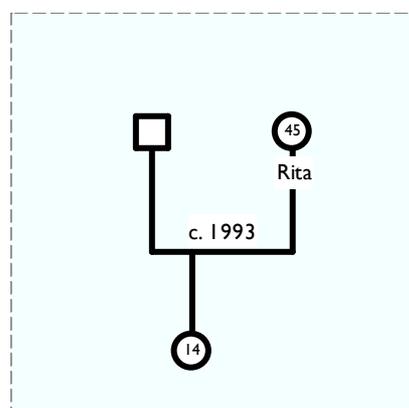


Figura 17 - Rita [e17]

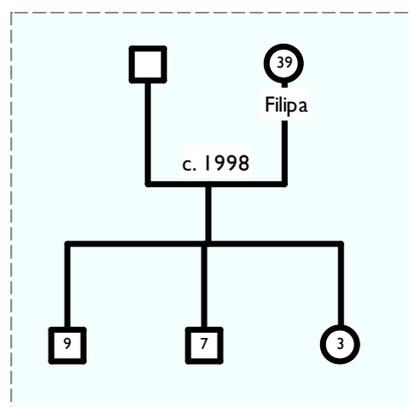


Figura 18 - Filipa [e18]

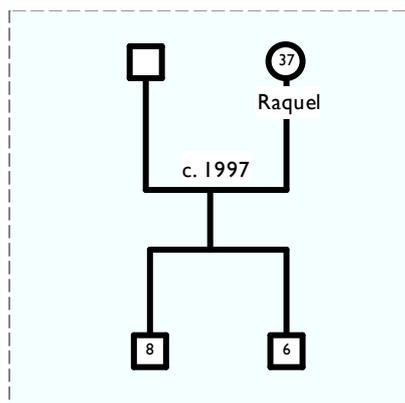
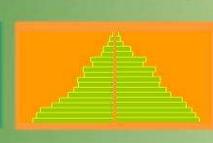


Figura 19 – Raquel [e19]

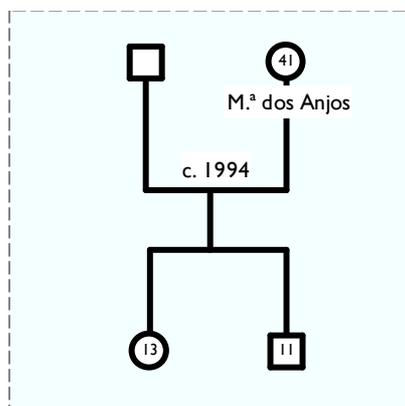


Figura 20 – Maria dos Anjos [e20]

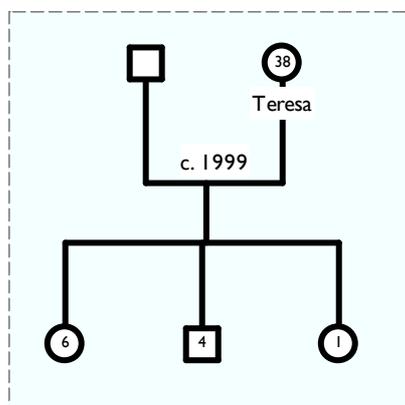


Figura 21 – Teresa [e21]

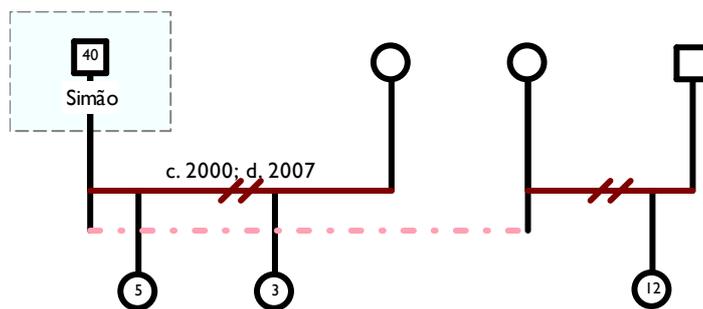
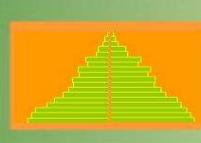


Figura 22 – Simão [e22]

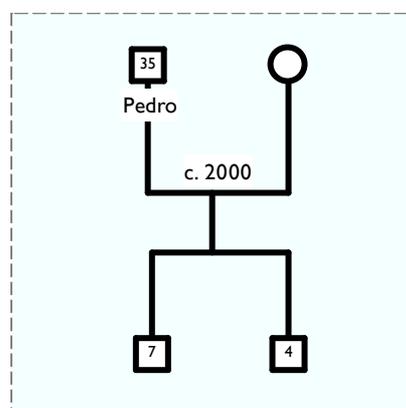


Figura 23 – Pedro [e23]

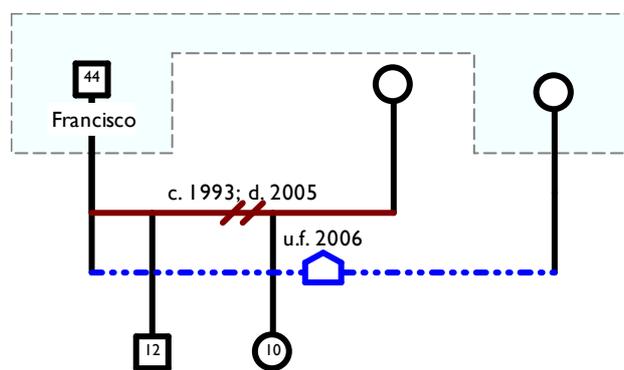


Figura 24 – Francisco [e24]

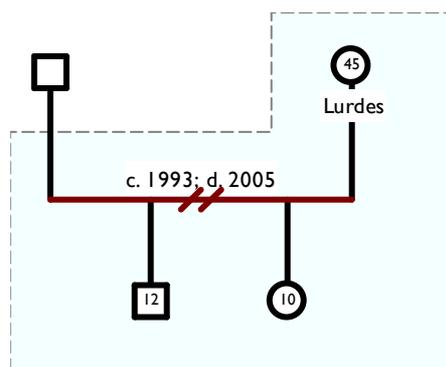
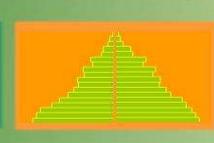


Figura 25 – Lurdes [e25]

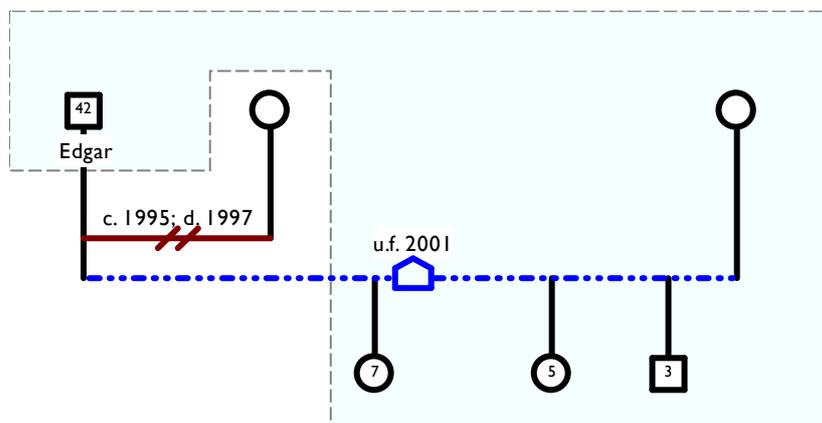


Figura 26 – Edgar [e26]

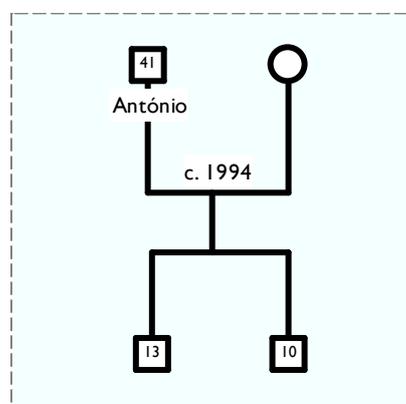


Figura 27 – António [e27]

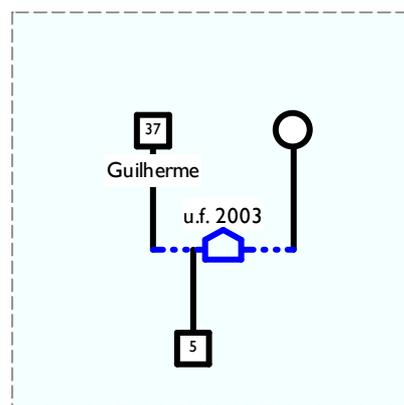


Figura 28 – Guilherme [e28]

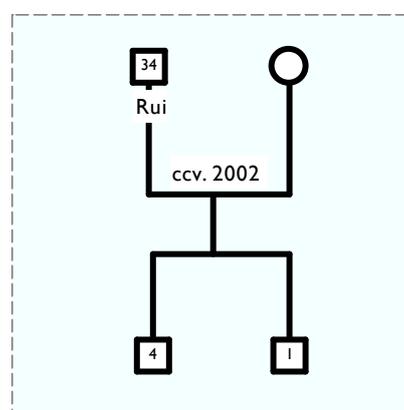


Figura 29 – Rui [e29]

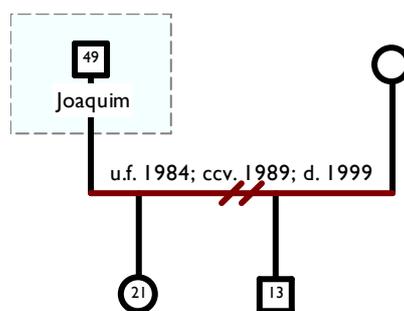


Figura 30 – Joaquim [e30]

Fonte: Elaboração própria com recurso ao GenoPro® 20

Legenda:

